



## O CONCEITO DE IDEOLOGIA

Leandro Henrique Magalhães <sup>1</sup>

### RESUMO:

Este artigo pretende identificar a trajetória do conceito de ideologia desde seu surgimento, no século XIX, passando pela concepção marxista do termo até alcançar os dias atuais, quando passa a ser entendido vinculado ao conceito antropológico de cultura.

PALAVRAS-CHAVE : Ideologia; Cultura; Alienação.

### ABSTRACT:

This article intends to identify the course of the concept of ideology since its origin, in the 19<sup>th</sup> Century, going through the Marxist concept of the term and reaching the present day, when it comes to be understood linked to the anthropological concept of culture.

KEY-WORDS : Ideology; Culture; Alienation.

---

<sup>1</sup>Docente do Departamento de Educação e Ciências Sociais da UniFil.

Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR.

Pós-graduando no Curso de Doutorado da mesma instituição.

Autor do livro "Olhares sobre a Colônia: Vieira e os Índios", editado pela Universidade Estadual de Londrina - UEL.



O termo ideologia possui diversos significados, muitas vezes contraditórios, principalmente por causa de sua historicidade. Desde sua formulação pelos iluministas, até os dias atuais, travou-se intenso debate intelectual acerca do papel que as idéias teriam nas relações humanas, alguns considerando-as preponderantes, e outros como mero reflexo da realidade.

O termo surgiu pela primeira vez em 1801, na obra de Antoine de Tracy, para quem a ideologia deveria suplantar a teologia como a ciência das idéias, tendo-as como o alicerce da vida social, a base onde tudo se assentaria. Em um primeiro momento, designou o estudo científico das idéias humanas, que buscava entender o modo como a consciência era constituída, concepção que deve ser entendida a partir das disputas políticas resultantes da Revolução Francesa, em que os iluministas opunham-se ao obscurantismo do Antigo Regime e tinham por objetivo reconstituir a sociedade a partir do racionalismo, possível somente através do conhecimento do funcionamento da consciência humana.<sup>2</sup>

Esta oposição entre teologia e racionalismo iluminista tornou-se possível somente graças a uma revolução epistemológica que ocorria desde fins do século XV, e que possibilitou conceber-se a História desvinculada da teologia, na qual o homem passou a ocupar o centro das questões. Além disso, aquela deixara de ter como pressuposto a idéia de futuro divino e eterno, pois, para os iluministas, este seria humano, temporal e histórico.<sup>3</sup> Tal mudança de perspectiva exigia conhecimento do processo de formulação das idéias para que fosse possível, assim, guiar a sociedade. O racionalismo iluminista, em aparente contradição, apresentava-se como idealista, e entendia que a sociedade deveria adaptar-se às leis gerais, e não o contrário, sendo que os intelectuais substituiriam os religiosos na missão de guiar a humanidade.<sup>4</sup>

O surgimento do conceito de ideologia foi marcado pela realidade política e social do século XIX francês, e procurava responder aos problemas apresentados pelo momento. Desta forma podemos afirmar, preliminarmente, que a ideologia era uma forma de representação de mundo vinculada com a realidade, pois era moldada a partir das relações sociais e do processo histórico de cada sociedade. Era heterogênea e alinear, entendida de modo distinto, de acordo com o lugar social ocupado por cada um.<sup>5</sup>

No entanto, não era esta a perspectiva dos intelectuais do século XIX, que tendiam para o idealismo, no qual as idéias eram responsáveis pela configuração da realidade, ou para o empirismo, entendendo-se que idéias preconcebidas impediriam o desenvolvimento científico e a separação entre sujeito e objeto. Um dos defensores desta tese foi o positivista Emile Durkheim que, ao propor uma sociologia científica baseada na objetividade e neutralidade, tratava os fatos sociais como coisas, só compreendidas caso o pesquisador se despisse da ideologia, através do distanciamento.<sup>6</sup>

<sup>2</sup>EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: UNESP/ Boitempo, 1997.

<sup>3</sup>REIS, José Carlos. **Nouvelle Histoire e Tempo Histórico**: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel.

São Paulo: Ática, 1984, p. 09; CUCHE; Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. São Paulo: Edusc, 1999, p. 18-22.

<sup>4</sup>EAGLETON, Terry. **Op. Cit.**

<sup>5</sup>WACHTEL., Nathan. A aculturação. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

<sup>6</sup>CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Outro positivista importante para o estudo da ideologia foi Augusto Comte, que, apesar de também ansiar pelo cientificismo nas ciências humanas, optou pelo idealismo. Comte entendia que as leis regentes da sociedade estavam nas idéias, e era tarefa dos sábios eliminar os elementos religiosos e metafísicos que as contaminavam. O descobrimento de tais leis possibilitaria subordinação da prática que, guiada pelas regras então estabelecidas, encaminharia a sociedade em direção à ordem e ao progresso; no caso de não serem seguidas, a sociedade caminharia em direção à desordem, o que impediria o progresso. Comte retirava da prática social qualquer possibilidade de criação, tendo em vista que a verdadeira força criadora estava na consciência.<sup>7</sup>

Um dos mais importantes idealistas do século XIX foi George Friedrich Hegel, que entendia a realidade como manifestação do espírito, movida pelas contradições inerentes a ele. O movimento dialético do espírito era considerado o motor da história, que alcançaria a síntese final, onde as contradições seriam superadas e o espírito reconhecer-se-ia em suas obras, ou seja, no real. Entretanto, enquanto esta síntese não fosse alcançada, o espírito estaria alienado, pois a história era algo exterior, não produzida por ele. A realidade tinha, segundo Hegel, dois modos de representação: no primeiro caso o real era apresentado de modo simples e imediato, e não havia reflexão sobre ele, enquanto o segundo o apresentava de modo complexo e imediato, tendo em vista que a realidade era parte do espírito, o que só seria possível após um processo de reflexão.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup>CHAUÍ, Marilena de Souza. *Op. Cit.*; MARTINS, Carlos B. *O que é Sociologia*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

<sup>8</sup>Como exemplo da metodologia de Hegel, podemos destacar a formação da idéia de Estado. Partindo do Indivíduo, Hegel apresentaria uma contradição entre o direito e a moral, estabelecida a partir de relações. No primeiro caso, a relação entre proprietários possibilitaria o surgimento do direito, e no segundo, a relação entre sujeitos possibilitaria o surgimento da moral. O que se apresenta então é que o proprietário torna-se o não sujeito, e o sujeito o não proprietário. Para resolver esta contradição, surgiria a família e a sociedade civil. A família conciliaria os interesses entre proprietários e sujeitos em nome de um interesse coletivo familiar. No entanto, o conflito entre famílias forçaria o surgimento da sociedade civil. Esta, por sua vez, separaria os interesses privados do público, onde os indivíduos passam a se identificarem por classes sociais. Nega-se com isso o indivíduo isolado, que passa a ser entendido como cidadão. O cidadão seria a síntese do proprietário, da moral e da família. Os conflitos entre cidadãos (classes sociais), ou entre interesses privado (cada classe) e público (todas as classes) exige uma nova síntese, o Estado, considerado por Hegel como a síntese final, conciliando os interesses individuais, familiares, sociais, privados e públicos. Como o Estado não possuiria interesses particulares, não haveria contradição. Estado, seria, assim a idéia política por excelência. CHAUÍ, Marilena de Souza. *Op. Cit.*



Apesar das diferentes perspectivas, podemos encontrar um elemento comum entre os autores apresentados: a perspectiva teleológica que possuíam em relação à história. Apesar do rompimento com a teologia, mantinha-se a perspectiva da história linear, direcionada para um fim único, cujo encontro deveria ser fruto do esforço conjunto da humanidade. Em uma interpretação teológica, este fim geralmente é identificado com o Juízo Final, com o encontro triunfal entre criador e criatura. No caso dos ideólogos, o homem caminharia em direção à sociedade perfeita, fosse ela a civilização ou a sociedade positiva, como denominada por Comte. Percebemos que, apesar de perspectivas distintas, todos eles buscavam compreender as leis humanas para que fosse possível guiar a humanidade, em substituição ao papel ocupado anteriormente pela teologia.

## MARX E A IDEOLOGIA

O conceito de ideologia foi ampliado a partir da obra de Karl Marx. Para entendê-la, devemos levar em consideração a oposição do autor em relação aos chamados *ideólogos alemães* que, segundo Marx, teriam realizado críticas vazias a Hegel. Marx propôs a revisão da filosofia hegeliana, que mantinha alguns elementos, como os conceitos de dialética e alienação, mas criticava o idealismo em favor do materialismo, denominado de histórico. A ideologia na obra de Marx deve ser entendida a partir do conceito de alienação, não do espírito, como queria Hegel, mas dos homens reais em condições reais, tendo em vista que ela ocorreria no momento em que os fenômenos sociais adquirissem existência própria, desvinculada das relações humanas, no qual os indivíduos não se reconheceriam como produtores da realidade.<sup>9</sup>

Marx entendia a ideologia vinculada às condições materiais de produção, sendo as idéias produzidas a partir do dinamismo das relações humanas. Apesar de objetivar ocultar a realidade, a ideologia fazia parte dela, pois a vida determinaria a produção das idéias, e não o contrário, em interpretação que ultrapassava tanto os ideólogos como os empiristas, ao vincular a ideologia com as relações sociais, procurando na história as causas da alienação.<sup>10</sup> Marx foi ainda mais longe ao afirmar que a humanidade era caracterizada pela produção das condições materiais e espirituais de sua existência, e não pela consciência.<sup>11</sup> Desta forma, as idéias adquirem caráter secundário em sua obra, pois são elaboradas a partir das relações sociais de produção, e expressam a realidade de modo simples, imediato e sem reflexão, que ocorreria somente a partir das condições reais de existência.<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup>EAGLETON, Terry. *Op. Cit.* p. 71.

<sup>10</sup>Idem, p. 71.

<sup>11</sup>CHAUÍ, Marilena de Souza. *Op. Cit.* p. 63.

<sup>12</sup>Idem.

Segundo Marx, a consciência ter-se-ia apartado das condições sociais de produção no momento em que se concretizou a divisão do trabalho manual e intelectual, tendo em vista o distanciamento deste em relação aos meios de produção e o fato de produzir idéias que contradiziam a realidade e ocultavam as contradições sociais, impedindo sua superação.<sup>13</sup> O trabalho intelectual seguiria o caminho apontado por Hegel, ou seja, desvincularia as idéias do real, e entenderia que a resolução das contradições do espírito (e não do real) seria o motor da história.

Marx entendia a ideologia promovida pelos intelectuais como abstrata, pois, para ele, as contradições reais não eram causadas pela teoria, mas pela prática e suas representações. A história seria movida não pela síntese de idéias, mas pelos conflitos sociais promovidos pelas forças de produção, em que o destaque deveria ser dado à luta de classe, e não ao Estado.<sup>14</sup> A ideologia seria um fenômeno produzido pelas condições objetivas da vida social e, como a alienação, faria parte destas.<sup>15</sup>

Ao fazer tal afirmação, Marx entendia a ideologia vinculada à luta de classes, tendo em vista que sua função seria ocultar a dominação, identificada como um conjunto de idéias produzidas pela classe dominante. Com isto, a verdade passa a pertencer a esta classe, e as demais idéias são consideradas falsas, o que legitimava a repressão daqueles que não compartilhassem das perspectivas hegemônicas. A ideologia tendia à abstração, tendo em vista que seu caráter homogeneizante e universalizante não pertenceria à realidade, que seria heterogênea e marcada por conflitos.<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup>Apresentaremos aqui três exemplos do modo como a ideologia pode ocultar as contradições da realidade. O primeiro deles seria a idéia de que a educação seria o direito de todos. Como, na prática, isto não ocorre, haveria uma aparente contradição entre idéia e realidade. No entanto, o que ocorre é que a idéia de educação oculta a realidade, que se ancoraria no fato de que a maioria da população estaria impedida de ter acesso à educação ou possuiria uma educação de qualidade duvidosa. Ou seja, a contradição entre idéia e realidade oculta o verdadeiro motivo da exclusão social na educação. O segundo exemplo seria a idéia de igualdade de direitos, onde todos deveriam ser iguais perante a lei. Haveria aqui uma contradição entre a idéia de igualdade com a realidade, o que ocultaria a contradição real, ou seja, a existência de diferenças étnicas e sociais, dentre outras. A idéia de igualdade ocultaria a diversidade, tendendo a uma homogeneização que impediria a existência de interesses distintos, facilitando a dominação social. Ou seja, a contradição entre idéia e realidade oculta o verdadeiro sentido da igualdade. Finalmente, temos a idéia de Estado, que para Hegel seria a solução das contradições entre interesses particulares e os interesses gerais, tendo em vista que o Estado não teria interesses próprios, mas trataria dos interesses comuns. Tal idéia oculta que a perseverança dos interesses particulares de uma classe, ou seja, o Estado, não seria a superação das contradições, mas a vitória de uma parte da sociedade sobre outra. A Idéia de Estado levaria assim à alienação, pois não seriam os homens que dirigiriam o Estado, mas o Estado que dirigiria o homem.

<sup>14</sup>CHAUÍ, Marilena de Souza. **Op. Cit.** p. 73.

<sup>15</sup>EAGLETON, Terry. **Op. Cit.** p. 78.

<sup>16</sup>CHAUÍ, Marilena de Souza. **Op. Cit.** p. 94



Marx considerava que, apesar de certas idéias serem dominantes em certos períodos, o processo histórico seria determinado pelos meios de sua produção.<sup>17</sup> Partindo de sua noção de base e estrutura, considerava as idéias parte da superestrutura, enquanto a luta de classes pertenceria à base, entendida como o conjunto das relações de produção que formaria a estrutura econômica da sociedade, enquanto a superestrutura condicionaria o processo de vida social, política e espiritual. Esta só existiria enquanto as relações de desigualdade fossem mantidas, tendo em vista a necessidade de ratificá-las e legalizá-las, e é nela que a ideologia estaria presente, servindo como instrumento da classe dominante e ocultando as desigualdades expressas na base da sociedade. O que Marx desconsidera é o fato de que, se a consciência é condicionada pelos fatores materiais, ela também pertenceria à base, e, assim, não acabaria com o fim das classes sociais.<sup>18</sup>

A partir da presente exposição, podemos destacar algumas características do conceito marxista de ideologia. Marx entendia a ideologia como possuidora de uma base real que, se não fosse considerada, levaria as idéias a tornarem-se realidade. Esta concepção teria duas consequências: 1) a desigualdade só seria superada a partir da práxis social, que atuaria sobre a realidade, pois seria nela que as contradições sociais ocorreriam, e não nas idéias, que as ocultariam; 2) pelo fato de a ideologia ter uma base real, ela não teria história, pois as idéias não teriam vida própria, e estavam dependentes das transformações sociais, econômicas e políticas de dada sociedade.

A ideologia teria surgido, segundo Marx, com a divisão do trabalho entre manual e intelectual, juntamente com o distanciamento entre a produção das idéias e os meios materiais de produção. Estas idéias tornar-se-iam dominantes, ao serem produzidas por uma classe que, com o intuito de legitimar sua dominação, buscou ocultá-la por trás da ideologia. Para existir hegemonia de uma classe, é necessário que suas idéias também o sejam, dando a sensação de universalidade. Por fim, a ideologia seria um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações e normas que indicam como cada indivíduo deve comportar-se, com o intuito de apagar as diferenças sociais e promover a ilusão de identidade.

## O QUE É IDEOLOGIA?

Há, portanto, variadas definições para o conceito de ideologia, dependendo da perspectiva que se tem da sociedade. Entre as definições aqui apresentadas, podemos destacar:

- 1) idéias são independentes da realidade histórica e social;
- 2) a realidade é a única possibilidade de interpretação das idéias;
- 3) a realidade é constituída apenas por idéias;
- 4) idéias são algo que ocultaria a realidade das suas contradições reais, legitimando determinadas situações;
- 5) conjunto de idéias de uma época e sua elaboração teórica;
- 6) conjunto de idéias dominantes, que representariam o grupo hegemônico da sociedade.

---

<sup>17</sup> Idem, p.99.

<sup>18</sup> EAGLETON, Terry. *Op. Cit.* p. 79-80.



Entretanto, não podemos compreender o conceito de ideologia sem considerar seus aspectos culturais. É significativo o fato de o conceito de cultura ter adquirido importância no estudo das sociedades humanas no mesmo período em que o termo ideologia estava sendo cunhado pelos iluministas da Revolução Francesa,<sup>19</sup> sendo que, a partir de então, seguiriam caminhos paralelos.

A idéia de cultura pressupõe uma oposição entre o universal e o particular, ou seja, ao mesmo tempo que se admite que todo agrupamento humano possui cultura, aceita-se o fato da existência de uma diversidade cultural.<sup>20</sup> A cultura deve ser entendida como dinâmica, que alia elementos tradicionais e modernos, e considera objetos materiais, mentais e a estratificação social, na qual existem conflitos pelo monopólio da representação, entendida como meio de conhecer e reconhecer a verdade, de impor definições e divisões ao mundo social.<sup>21</sup> Portanto, vive-se a cultura ao mesmo tempo que se a produz, e se combinam as ações práticas com as ações simbólicas.

O conceito de ideologia segue o mesmo caminho, no qual as idéias não estão desvinculadas da realidade e uma é parte integrante da outra. Como dito, as idéias são produzidas a partir das relações humanas e, ao mesmo tempo, possibilitam seu entendimento. Da mesma forma, a ideologia é produzida enquanto é vivida, sendo assim tradicional e dinâmica, e integra o passado e o futuro, dando sentido para a realidade histórica e social.<sup>22</sup>

As idéias não são independentes da realidade histórica e social, não são a única possibilidade de interpretação do real e nem a realidade é constituída apenas de idéias. Como o homem move-se em um mundo de significados que são constituídos a partir de sua prática social, as idéias são parte integrante desta, e não um mero produto, como queria Marx. Não há como analisar a realidade sem levar em consideração as interpretações sobre ela, pois a consciência seria parte do próprio processo social e material.<sup>23</sup> A ideologia não seria um elemento pertencente a uma única classe, mas permearia toda a sociedade humana, dando significados para suas ações ao mesmo tempo que seria produzida por elas.

---

<sup>19</sup>CUCHE, Denys. **Op. Cit.** p. 19.

<sup>20</sup>O histórico do termo cultura já apresenta estes elementos como fundamentais. O termo cultura surge do latim, significando cuidado com a terra e com os animais e, posteriormente, associando-se a idéia de cultivo da mente. Seria, porém, no Iluminismo que o termo adquiriria um caráter de distinção do homem, entendido como um conjunto de saberes acumulados e transmissíveis. A cultura seria pensada no singular, aproximando-se do conceito de civilização. Tal desenvolvimento do termo só teria sido possível graças a uma nova concepção de história, laica e linear, que colocara o homem no centro do mundo. Na Alemanha, no entanto, o termo cultura adquiria sentido diverso, opondo-se à idéia de civilização. Para a elite intelectual alemã do século XIX, a civilização seria o superficial, material, e a cultura seria tudo o que é autêntico. Tal elaboração do termo favoreceria a confecção da idéia de cultura nacional, além de admitir a possibilidade de uma diversidade cultural. Estas duas concepções, a princípio conflitantes, colaborariam para a confecção do conceito antropológico de cultura. CUCHE, Denys. **Op. Cit.**; SANTOS, José Luiz. **Op. Cit.**; ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**, v. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

<sup>21</sup>BOURDIER, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1991.

<sup>22</sup>DUBY, George. História Social e Ideologias das sociedades. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 130.

<sup>23</sup>EAGLETON, Terry. **Op. Cit.** p. 73-74; VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 11.



Não podemos negar, no entanto, o que Marx demonstra com clareza: que as idéias podem ser manipuladas e ocultar a realidade, fazendo com que a ideologia mascare os conflitos sociais, através da idéia de homogeneidade. Com isso, torna-se estabilizadora e tende para a legitimação da realidade e suas hierarquias, negando ou colocando em segundo plano os sistemas de representação concorrentes.<sup>24</sup>

Novamente faz-se necessário um paralelo com o conceito de cultura, entendida como um produto histórico e, portanto, como produto das relações entre os grupos, que geralmente são permeadas por conflitos. Cada coletividade tende a defender sua especificidade, pois considera sua cultura superior e verdadeira e procurará fazer suas idéias hegemônicas.<sup>25</sup> As idéias são assim resultado das relações sociais, que são desiguais, sendo coerente falar de uma ideologia hegemônica, assim como é coerente falar de uma cultura hegemônica.

Devemos evitar, no entanto, tratar a ideologia como produto exclusivo de uma classe, pois assim estaríamos negando aos demais grupos sociais a possibilidade de produzir um sistema de significados que não se reduza ao projeto dominante, não permitindo que hajam transformações sociais. Isto quer dizer que, ao entendermos que as idéias dominantes são as únicas possíveis, a homogeneidade proposta por elas torna-se realidade, num processo onde triunfaria o idealismo de Comte, ou seja, onde a realidade seria moldada pelas idéias.

Além disso, devemos levar em conta o fato de que as idéias têm significados distintos de acordo com o lugar que ocupam na sociedade, com suas expectativas históricas e relações sociais. Não há consenso dos grupos sociais em relação à ideologia tida como hegemônica, pois esta só pode ser entendida se inserida em um processo histórico, cuja premissa é uma interação conflituosa e não o desaparecimento de uma forma de representação de mundo. Apesar de determinada expressão ideológica apresentar-se como hegemônica, há espaço para os demais grupos garantirem sua sobrevivência e sua identidade, formulando expressões próprias, que possibilitam uma interpretação distinta da realidade, evitando a homogeneização proposta pela classe dominante.<sup>26</sup> Daí, podermos afirmar, como demonstrado por Marx, que a ideologia é produto das contradições sociais, pois estas fazem parte da sociedade e, se não levarmos este fato em consideração, corremos o risco de aceitar pacificamente a ideologia hegemônica como verdadeira, condenando todas as demais expressões ao esquecimento.

---

<sup>24</sup>DUBY, George. **Op. Cit.** p. 131.

<sup>25</sup>CUCHE, Denys. **Op. Cit.**

<sup>26</sup>WACHTEL, Nathan. **Op. Cit.**



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIER, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1991.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: Edusp, 1999.
- DUBY, George. História social e ideologias das sociedades. *In*: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: UNESP/ Boitempo, 1997.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**, v.1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- MARTINS, Carlos B. **O que é Sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- REIS, José Carlos. **Nouvelle histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel**. São Paulo: Ática, 1984.
- VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- WACHTEL, Nathan. A aculturação. *In*: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.